

RESUMO/ RESUMÉ

**O SIGNO LINGUÍSTICO EM SAUSSURE: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**Resumo:** Neste trabalho discutem-se aspectos da tradução do Curso de Linguística Geral (CLG) do francês para o português brasileiro, situando-se a discussão em meio a uma pesquisa que trata o CLG como *corpus* para tratamento computacional de seu conteúdo em português. Para uma primeira abordagem, foram selecionados trechos do CLG que se referem à definição de *signo linguístico*. Não se trata de mera análise de possíveis erros, mas, sim, de uma ponderação sobre dificuldades de tradução e de uma aproximação da leitura tradutória vista como índice de recepção dessa obra no contexto brasileiro da época. Concebendo a tradução como um ato enunciativo de transposições de um texto entre línguas diferentes, o aspecto linguístico enfatizado foi o das recategorizações, isto é, com que termos e tipos de construções os conteúdos foram referidos nas duas línguas e quais as consequências dessas escolhas. Como resultados do exame, ainda que se trate de uma análise inicial, percebem-se alguns traços da tradução que podem vir a reforçar uma visão de falta de coerência ou de descontinuidade das ideias de Saussure. Como perspectivas, ressaltamos a importância da tradução dessa obra para os estudos linguísticos no Brasil e a necessidade de se conhecer as suas especificidades sob diferentes perspectivas de análise.

**Palavras-chave:** CLG; Saussure; recepção da tradução no Brasil.

**LE SIGNE LINGUISTIQUE CHEZ SAUSSURE: QUELQUES REFLEXIONS SUR LA TRADUCTION EN PORTUGAIS BRÉSILIEN**

**Résumé:** Dans cet article, on explore quelques aspects de la traduction du Cours de Linguistique Générale (CLG) en portugais brésilien. Des extraits de CLG qui se réfèrent à la définition du signe linguistique ont été sélectionnés pour cette première étape. Il ne s'agit pas de la simple analyse des erreurs possibles, mais des difficultés de traduction du CLG et une approximation de la lecture de la traduction considérée comme un indice de la réception de l'œuvre dans le contexte brésilien de l'époque. En considérant la traduction comme un acte d'énonciation de transpositions d'un texte entre différentes langues, l'aspect linguistique souligné a été la recatégorisation, c'est à dire, quels termes et types de construction ont été signalés dans les deux langues et quelles sont les conséquences de ces choix. On s'aperçoit, même s'il s'agit d'une analyse préliminaire, des traces de traduction qui peuvent renforcer une interprétation d'incohérence ou de discontinuité des idées de Saussure. Pour les travaux futurs, on souligne l'importance de la traduction de cet oeuvre pour les études linguistiques au Brésil et le besoin de connaître leurs spécificités sous différents points de vue.

**Mots-clés:** CLG, Saussure, réception de la traduction au Brésil.

## O SIGNO LINGUÍSTICO EM SAUSSURE: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Maria José Bocorny Finatto*

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Alena Ciulla*

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### 1. Contextualizando a reflexão sobre a tradução do CLG

Nosso trabalho dedicado a analisar a tradução do *Curso de Linguística Geral* (CLG) para o português do Brasil inscreve-se como uma das atividades do projeto de pesquisa intitulado *Recuperação da informação em representação do conhecimento em bases de textos científicos de Linguística e de Medicina*. Trata-se de investigação interdisciplinar, na qual se associam Letras/Linguística e Ciência da Computação/Processamento da Linguagem Natural. Nela são explorados dois *corpora* de textos científicos em português: um de Medicina, na subárea das Pneumopatias Ocupacionais, e outro de Linguística, que é o texto em português e em francês do CLG de F. de Saussure, organizado por C. Bally e A. Sechehaye. Ambos os *corpora* estão sendo tratados computacionalmente com vistas à representação automática do seu conteúdo e à sistematização de sua informação. O tratamento computacional desses textos visa contribuir para o aperfeiçoamento de técnicas e de ferramentas para representação de conteúdo e recuperação de informação em português brasileiro a partir de acervos textuais.

Além da comparação entre o tratamento computacional dos *corpora* de Medicina e de Linguística, cada *corpus* é estudado em separado, com diferentes objetivos. Quanto ao CLG, dado que se trata de uma tradução, um exame prévio sobre as suas condições e especificidades de linguagem torna-se uma etapa importante para o exame do rendimento e especificidades do enfoque computacional. Afinal, o processamento computacional implica a observação estatística e distributiva de cada uma das palavras que compõe um texto.

Como bem sabemos, o CLG é obra fundadora da Linguística Moderna e um texto de complexidade e profundidade singulares. Isso, por si só, já o torna um objeto-desafio bastante interessante para um processamento automático com vistas a representar seu conteúdo. Também particular é a concepção do CLG, pois que foi escrito com base em notas de alunos e por autores que não o próprio Saussure.

Somando-se a essa múltipla interpretação de que foi resultado o texto do CLG, há a questão da tradução, do que, é sabido, decorrem sempre novas interpretações e releituras. Para além da tradução, muitos dos conceitos tratados no CLG foram, e ainda são, motivo de controvérsia e discussão entre linguistas e outros estudiosos. Isso é o que vemos, por exemplo, em Culler (1979), Bouquet (1997), Normand (2000), Jäger (2003) e Trabant (2005), entre outros, especialmente a partir da descoberta dos

manuscritos de Saussure. Em meio a essas discussões de cunho interpretativo e até terminológico associadas ao legado saussureano, vale ressaltar que a tradução do CLG de que dispomos até hoje para o português brasileiro foi feita na década de 70. Até o quanto sabemos, não há notícia de uma revisão sistemática dessa tradução desde sua publicação, ainda que tenham havido sucessivas edições.

Diante dessa lacuna de conhecimento sobre as especificidades da tradução brasileira do CLG, então, iniciamos aqui uma primeira aproximação tomando como objeto apenas uma parte desse texto. A delimitação selecionada é aquela que considera trechos da obra que apresentam definições do conceito de *signo linguístico*.

As partes do CLG que, segundo Gadet (1997) contêm a definição de signo linguístico são os capítulos 1 e 2 da primeira parte e o capítulo 6 da segunda parte. Mas antes de comentar sobre a tradução dos trechos em questão, tecemos algumas considerações sobre nossa maneira de abordagem do processo e do produto tradutório.

## **2. A tradução como ato enunciativo**

Segundo Benveniste (1989), para quem a enunciação é a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, podemos dizer que traduzir é enunciar. E enfatizando o papel do tradutor, para Nunes (2011), a tradução é "um ato produzido a partir de um sujeito que traduz" e deve ser abordada como tal e não apenas como objeto *per se*, desconsiderando-se quem lhe dá vida. Assim, precisamos considerar que, se o texto passa pelo filtro de percepção do tradutor e é a partir dele que também será produzido o texto traduzido, certamente vão haver marcas subjetivas na tradução.

É importante observar também que, conforme Sobral (2008), toda atividade de tradução envolve a leitura de um texto, que é diferente de outros tipos de leitura, porque visa não apenas entender e reagir ao que lê, mas também enunciar o que foi lido a outros interlocutores. Portanto, é preciso reconstruir o texto, a partir da leitura em outra língua, penetrando em dois universos de discurso e colocando-os numa relação de interlocução.

Benveniste (1988) salientou também o aspecto dialogal e subjetivo da situação comunicativa, isto é, ao instituir-se como *eu*, o sujeito pressupõe, obrigatoriamente, um *tu*. A partir disso, podemos dizer que, se somente os interlocutores, representados pelos pronomes pessoais *eu* e *tu* podem tomar da palavra, somente estes indivíduos pertencem à dimensão subjetiva da língua e podem fazer parte da categoria de pessoa. Em oposição, temos o pronome *ele*, que pertence, assim, à categoria de não-pessoa. Além disso, seguindo Lyons (1982), tomamos como um pressuposto uma noção ampliada de subjetividade para *intersubjetividade*, o que condiz com a nossa crença no fato de que não basta tomar o falante como centro da enunciação, nem somente considerar o aspecto dialogal, mas é fundamental levar em conta a relação do falante com o discurso e o contexto de produção.

A tradução é portanto um ato linguístico individual, mas intersubjetivo, na medida em que "é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo", (BENVENISTE, 1988, p.285) e na medida em que esses indivíduos constroem o discurso e estão situados em um determinado contexto em que se dá esse discurso.

Também Umberto Eco vê no tradutor um aspecto que remete à intersubjetividade, pois o considera um negociador de sentidos, quando diz que "o tradutor deve negociar com o fantasma de um autor muitas vezes já falecido, com a presença invasiva do texto fonte, com a imagem ainda indeterminada do leitor para quem ele está traduzindo (...) e às vezes (...) também com o editor" (ECO, 200, p.405). E em consonância com Eco, ressaltamos que o tradutor não deve ver "apenas os movimentos construídos do texto, mas também os movimentos de sua construção" (SOBRAL, 2003, p.204).

Quando mencionamos a construção de sentidos, a recategorização sobressai como um processo importante e cujo percurso, com base em estudos como os de Ciulla (2008), podemos rastrear, tanto no texto original, quanto no traduzido e também na transposição entre um e outro. Na seção a seguir, discutimos, brevemente, o que é recategorização em nosso trabalho e que tipo de análise da recategorização foi concebida para este nosso primeiro estudo sobre a tradução do CLG.

### **3. Os processos de recategorização na tradução**

Através da atividade de recategorização, conforme Ciulla (2008), é que decidimos e formulamos as categorias para as quais apontam nossas designações. Podemos dizer, de maneira mais simples, que na recategorização são escolhidas as palavras, a partir do léxico e da gramática da língua de que os falantes dispõem, que são enunciadas. Devemos lembrar que essa escolha também depende de conhecimentos enciclopédicos e linguísticos, além de outros fatores que dizem respeito a particularidades de cada falante e de cada situação. Nesse processo, que é fundamentalmente cognitivo, as categorias não são estanques e mesmo a prototipia é fruto de negociações coletivas, sujeita a constantes modificações. Imprevisíveis e mutantes, as categorias podem, no entanto, ter papéis muito definidos, cuja verificação é possível, considerando-se o seu processo de construção no discurso. Em termos saussureanos, isso se explica porque os signos assumem seus valores somente na relação com os outros signos.

Em Ciulla (2008) não foi feita uma análise de recategorização entre línguas diferentes, ainda que acreditemos que os princípios possam ser os mesmos. Entre línguas diferentes, os falantes ativam também um processo cognitivo de recategorização, no sentido de que precisam decidir e construir categorias para o que é designado. Porém, para enunciar, precisam mobilizar o conhecimento não apenas de sua língua, mas da outra língua, bem como de categorias que ela comporta, das suas possibilidades criativas e também da cultura de seus interlocutores e de todo o contexto de produção do discurso.

Em uma tradução, o tradutor realiza essa operação e ainda age como uma espécie de intermediário. Isto é, como dissemos anteriormente, a partir de sua leitura, o tradutor reconstrói o texto e o enuncia, colocando dois universos de discurso em interlocução. No caso do CLG, note-se que são complexos e diversos os universos de discurso. Num deles, a confecção do *Curso*, em 1916, na Europa, elaborado por indivíduos plurais, a partir das notas de aulas de outros vários que, por sua vez,

assistiram as aulas do mestre, cujas palavras se constituíam em ideias revolucionárias e fundadoras. No outro universo, o da tradução, anos depois, em 1970, no Brasil, permeado pela leitura e interpretação da obra por parte de seus tradutores, que também haviam lido e sido influenciados pelas leituras que fizeram os outros antes deles.

Por isso, sugerimos, neste trabalho, além de considerações gerais, uma análise inicial dos processos de recategorização que estão envolvidos em alguns trechos da tradução do CLG para o português brasileiro, mais especificamente nos trechos que, segundo Gadet (1997), trazem informações que definem o *signo linguístico* em Saussure.

#### **4. Análise da tradução**

As edições que tomamos para a análise foram a 3ª edição da original, em francês, comentada por Tullio de Mauro (1976) e a 12ª edição do português brasileiro, (1975). A obra foi traduzida por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

O primeiro aspecto geral observado é a questão do *significado/signifié*: a tradução mantém a ambiguidade em português, já que, assim como no francês, a forma do substantivo e do particípio coincidem, mas o sentido de Saussure é o do particípio: o que foi/é/está sendo significado e não “o significado”, como substantivo (para o inglês a tradução foi *signified*).

Os itens a seguir referem-se aos trechos que queremos salientar, sendo que citamos primeiro o original, em francês, depois a tradução para o português, conforme a encontramos na edição brasileira. Porque nossos *corpora* ainda estão em fase de preparação, fizemos o alinhamento deste primeiro excerto manualmente. Contudo, um alinhamento automático de sentenças do original e tradução está sendo ensaiado para os próximos estudos.

##### **1) "des mots comme fouet ou glas" p.102**

"palavras francesas como *fouet* (“chicote”) ou *glas* (“dobre de sinos”)" p.83

- Esse trecho é o das onomatopeias: interessa aqui a associação do som e, por isso, a manutenção das palavras em francês.

##### **2) "cf. diable ! mordieu = mort Dieu" p.102**

"cf. diabo!; ou em francês, *mordieu* = morte Dieu" p.84

- Aqui os tradutores preferiram a tradução de "diable", mas mantiveram "mordieu", traduzindo (ou teria sido um lapso?), "mort Dieu" por "morte Dieu". A expressão toda tem um funcionamento de advérbio, com o significado de "para matar" ou "a um ponto extremo" e tem origem, provavelmente em "mort Dieu".

**3) "soeur" p.100**

"mar" p.81

- Essas duas palavras aparecem no original (*soeur*) e na frase traduzida (*mar*), sendo que a substituição do exemplo por uma palavra em português, na tradução, não se justificaria: o objetivo era exemplificar a imotivação do signo, poderia ser qualquer um, então não há grandes problemas em trocá-lo, mas, por outro lado, nenhum em mantê-lo.

**4) "dès qu'on les représente par l'écriture et qu'on substitue la ligne spatiale des signes graphiques à la succession dans le temps" p.103**

"quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos" p.84

- A ordem no original é: substitui-se a linha espacial dos sinais gráficos pela linha do tempo e não o contrário, como está na tradução. Pela lógica, a sequência em francês é mais legível, já que o que é mais evidente é a sucessão de letras no papel e, por isso, fica em primeiro plano, enquanto que a sucessão no tempo é algo a ser inferido.

**5) "Un état de langue donné est toujours le produit de facteurs historiques, et ce sont ces facteurs qui expliquent pourquoi le signe est immuable, c'est-à-dire résiste à toute substitution arbitraire." p.105**

"Um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição." p.86

- Há uma recategorização importante aqui, a da "substituição arbitrária", para, mais tarde, ser coerente afirmar a mutabilidade do signo, isto é, o signo muda, mas ainda assim é uma alteração imotivada, ou seja, o princípio continua valendo (nota p.89). No entanto, em português, "arbitrária" foi omitida e "substituição" passa a referir genericamente. Ora, "resistir a toda substituição" é bem diferente de "resistir a toda substituição arbitrária".

6) "lien de l'idée et du signe" p.109

"vínculo entre a ideia e o signo" p.89

- Aqui, uma das muitas vezes, inclusive nos manuscritos, em que *signo* desliza para o valor de *significante* (de acordo com a nota 155 de Tullio de Mauro). Mas esse é um problema do original, provavelmente de Saussure mesmo, que estava, na verdade, concebendo as ideias, à medida em que tentava encontrar os termos mais adequados para nomear os novos conceitos - ou seja, é um problema de recategorização em sua origem. Essa inquietação sobre a terminologia pode ser comprovada em uma carta de 1894 que Saussure escreveu para Meillet, por exemplo.

7) "Il en résulte que ces deux éléments unis dans les signes gardent chacun leur vie propre dans une proportion inconnue ailleurs, et que la langue s'altère, ou plutôt évolue, sous l'influence de tous les agents qui peuvent atteindre soit les sons soit le sens" p.111

"Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua vida própria, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados" p.91

- Sobre essa passagem, observamos que, se já é difícil estabelecer o que é significado/significação/valor/sentido no CLG, quando aparece som (significante) em oposição a sentido, esse é mais um nó a desenlear – o que, em português, tentou-se fazer, com a escolha de *significado*, no final, ao invés de "sens".

8) " Les autres institutions humaines - les coutumes, les lois, etc" p. 111

"As outras instituições - os costumes, as leis etc." p.90

- Ainda que não seja imprescindível aqui, redundâncias - raras no CLG, aliás - são bem-vindas. Nesse trecho, observamos o apagamento de "humaines" na tradução para o português.

9) "le signifié « boeuf » a pour signifiant b – ö – f d'un côté de la frontière et o – k-s (*Ochs*) de l'autre" p.100

"o significado da palavra francesa boeuf ("boi") tem por significante b-ö-f de

um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (*Ochs*) do outro" p.82

- Nem significado, nem significante (e muito menos o signo) é palavra - e esse é um ponto central na teoria de Saussure, muitas vezes confundido e difundido de maneira equivocada. Além disso “significado”, aqui, seria o “conceito” de Saussure, ou seja, o que é significado pela relação interna do signo e não “significado da palavra”. Trocar "o significado 'boi' " por "palavra 'boi' " pode ter sido um nó decisivo para a interpretação do conceito de signo, em Saussure, como confuso e incoerente.

##### **5. Considerações finais: perspectivas do estudo sobre a tradução e do projeto**

Com essa comparação, visamos verificar as condições de receptividade da leitura tradutória, no sentido de, após uma releitura dos conceitos em Saussure, identificar uma unidade temática e coerente do CLG e/ou das ideias de Saussure nele contidos, relacionando-a ao que podemos observar na tradução. Esse trabalho é fundamental para que possamos elaborar listas de referência para o tratamento computacional e estatístico, para avaliar e aperfeiçoar as ferramentas automáticas, o que compõe o cerne do projeto *Recuperação da informação em representação do conhecimento em bases de textos científicos de Linguística e de Medicina*.

Além disso, neste trabalho, identificamos alguns pontos que suscitam questões na tradução do CLG para o português, e que, em parte, podem contribuir para determinadas interpretações de incoerência do CLG. Contudo, uma leitura atenta e atualizada por discussões, como as de Normand (2009), Trabant (2005) e Fiorin, J.L.; Flores, V. e Barbisan, L.B. (2013) apontam para uma unidade consistente de coerência em Saussure. Esses pontos problemáticos encontrados na tradução, especialmente se somados, ao final do estudo, a outras ocorrências como as que mostramos, podem estimular novos estudos e, conseqüentemente, uma leitura renovada do CLG no Brasil.

##### **Referências bibliográficas**

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, J.L.; FLORES, V.; BARBISAN, L. (orgs.) *Saussure, a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p.7-20.



GADET, Françoise. *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

JÄGUER, Ludwig. La pensée épistémologique de F. de Saussure. In: *L'Herne: Saussure* (Cahier dirigé par Simon Bouquet). Paris: Éditions de L'Herne, 2003.

LYONS, John. Deixis and subjectivity: loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982, p. 101-23.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.

NUNES, Paula Ávila. Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução. *Revista TradTerm*, n. 18, São Paulo: US, 2011, p. 09-27. Disponível em <[www.usp.br/tradterm](http://www.usp.br/tradterm)>, acesso em 20/10/2013.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1976.

SOBRAL, Adail. *Dizer o "mesmo" a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

TRABANT, Jürgen. Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne. In: CHISS, Jean-Louis; DESSONS, Gérard. *Langages*. Paris: Larousse, n.159, septembre 2005.